



Revista Científica Hermes

E-ISSN: 2175-0556

hermes@fipen.edu.br

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa  
Brasil

Gili Massi, Klécia; Perez, Aline Cristina; Flores de Almeida, Fernando; Novaes Smid,  
Letícia; Souto, Luciana Aparecida; Pereira Gomes Dário, Vilma

AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS E AS BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS

Revista Científica Hermes, vol. 3, julio-diciembre, 2010

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

Brasil, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477648583001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## ARTIGOS TEMÁTICOS

### AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS E AS BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS

Klécia Gili Massi, Aline Cristina Perez, Fernando Flores de Almeida, Letícia Novaes Smid, Luciana Aparecida Souto & Vilma Pereira Gomes Dário.

Faculdade Instituto Paulista de Ensino, Rua Euclides da Cunha, 377, Centro, Osasco, SP, CEP 06016-030.

#### RESUMO

O grau de comprometimento de empresários e administradores é cada vez maior na busca de soluções ambientalmente adequadas. Embora o universo das micro e pequenas empresas seja grande, a maior parte das boas práticas ambientais está alocada em empresas de médio e grande porte. Portanto, o presente estudo tem o objetivo de identificar se as micros e pequenas empresas são reconhecidas por suas boas práticas ambientais. Um banco de dados oriundo de um prêmio anual que reconhece boas práticas ambientais empresariais foi utilizado, e classificamos as organizações segundo o porte. Nenhuma das empresas pesquisadas foi micro e pequena empresa. Nós sugerimos que os principais inibidores da introdução da variável ambiental na gestão de micro e pequenas empresas são a falta de recursos financeiros e de inovação tecnológica. Ao contrário, as razões para que médias e grandes empresas busquem melhorar o seu desempenho ambiental são pressão das regulamentações e *stakeholders* e a concorrência

Palavras-chave: desempenho ambiental, porte, gestão.

#### ABSTRACT

Managers and businessmen are searching for right environmental solutions and their compromising degree is increasing. Although the quantity of micro and small businesses is big, the majority of environmental practices are seen in medium and big business. Therefore, we aimed to identify if micro and small businesses are acknowledged by their good environmental practices. A data bank from an annual prize award that shows good environmental practices was used for the purpose of this article and we classified companies according to their size. We did not surveyed micro or small business companies. We



suggested that the main inhibitors for the introduction of environmental management into a micro or small businesses are the lack of money and technology. On the other hand, medium and big companies look for best environmental performance due to the regulation, stakeholder's pressure and free competition.

Key-word: environmental performance, size, management.

## INTRODUÇÃO

Com o aumento da população mundial e a crescente demanda por recursos naturais, os sistemas econômico e natural têm conflitado. As empresas, atentas às ideologias da sociedade e às pressões do ambiente externo à organização, são influenciadas no desempenho que exercem no mercado (Abreu et al., 2004). Deve-se observar que o grau de comprometimento de empresários e administradores é cada vez maior na busca de soluções ambientalmente adequadas para os problemas da produção, distribuição e consumo de bens e serviços (Souza, 2002).

No Brasil, as micro e pequenas empresas (MPE's) são de grande importância para a economia do país. Segundo estudo realizado pelo SEBRAE, em conjunto, micro e pequenas empresas responderam, em 2002, por 99,2% do número total de empresas formais, 57,2% dos empregos totais e por 26,0% da massa salarial. Todavia, embora o universo das MPE's seja grande, a maior parte das boas práticas organizacionais, incluídas aí as ambientais, está alocada em empresas de médio e grande porte.

Se as boas práticas organizacionais são raras em MPE's, também o são as ações de divulgação dessas boas práticas. Segundo Lavorato (2003), *benchmarking* é um processo sistemático e contínuo para avaliar produtos, serviços e processos de trabalho das organizações que são reconhecidas como representantes das melhores práticas, com o propósito de realizar melhorias organizacionais.

Portanto, o presente estudo tem o objetivo de identificar se as micros e pequenas empresas são reconhecidas por suas boas práticas ambientais, por meio do *benchmarking*.

## METODOLOGIA

As empresas em geral não disponibilizam informações sobre seus sistemas de gestão, e, por isso, utilizamos como fonte um banco de dados oriundo de um prêmio anual que



reconhece boas práticas ambientais empresariais (*Benchmarking Ambiental Brasileiro*). Esse prêmio objetiva sistematizar um processo de avaliação contínua dos produtos, serviços e processos de trabalho de organizações que são reconhecidas como representantes das melhores práticas ambientais, com a finalidade de introduzir melhorias na organização e difundir suas técnicas para as demais empresas (<http://www.benchmarkingbrasil.com.br/index.php?pag=bbpg> Acesso em 19 de março de 2010).

Assim, consultamos a lista de empresas premiadas de 2003 a 2009, que totalizaram 116, e realizamos a busca nos *sites* das empresas apontadas, com a intenção de identificar o porte das empresas. O porte foi classificado de acordo com o número de funcionários e foi dividido em: microempresa, na indústria até 19 pessoas e no comércio e serviços até 09 pessoas; pequena empresa, na indústria de 20 a 99 pessoas e no comércio e serviços, de 10 a 49; média empresa, na indústria, de 100 a 499 pessoas e no comércio e serviços, de 50 a 99 pessoas; e grande empresa, na indústria, acima de 500 pessoas e no comércio e serviços, acima de 100 pessoas (SEBRAE, 2002).

Também avaliamos as boas práticas adotadas pelas organizações e, não sendo praticadas por MPE's, discutimos as possíveis sugestões para sua adoção. Como os casos estavam divididos em Arranjos Produtivos; Educação; Informação e Comunicação Socioambiental; Emissões; Energia; Ferramentas e Políticas de Gestão; Manejo e Reflorestamento; Política de Desenvolvimento de Novos Produtos; Proteção e Conservação; Recursos Hídricos e Efluentes; e Resíduos, selecionamos um de cada, para a análise.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as empresas pesquisadas e que foram reconhecidas por suas boas práticas ambientais, nenhuma foi micro e pequena empresa. Segundo informação disponível no *site* (<http://www.benchmarkingbrasil.com.br/index.php?pag=bbpg> Acesso em 19 de março de 2010), “os resultados vêm comprovar que gestão ambiental consistente independe do porte e ramo de atividade, e sim, de conhecimento, atitude e prática, mesmo porque entre os premiados encontram-se empresas e instituições de vários portes e ramos de atividades.” Nossas análises identificaram ramos de atividade distintas, e o porte variando de médias a grandes empresas.

Se “os casos premiados foram aqueles que excederam e contribuíram com o desenvolvimento sustentável e o uso racional dos recursos naturais”



(<http://www.benchmarkingbrasil.com.br/index.php?pag=bbpg> Acesso em 19 de março de 2010), podemos admitir que as micro e pequenas empresas estão investindo em ações incipientes ou não estão realizando boas práticas ambientais, ao contrário das empresas de maior porte.

Em pesquisa com 48 organizações industriais brasileiras de grande porte, Neder (1992), de um lado, constatou que as ações ambientais das empresas concentravam-se na modernização dos sistemas de controle da poluição, e eram fruto essencialmente das exigências crescentes das regulamentações ambientais. De outro lado, Toms (2001) analisou 695 relatórios anuais de 250 companhias britânicas de 25 diferentes setores e encontrou que, para a maioria das empresas, as grandes vantagens de uma boa gestão ambiental são melhorar a reputação das empresas e permitir a diferenciação de produtos.

Uma pesquisa CNI/BNDES/SEBRAE (1998) realizada com 1451 empresas de todo o país, e de todos os setores e tamanhos, encontrou que as exigências das regulamentações ainda figuram entre as principais razões da adoção de práticas ambientais pelas empresas. Porém, a maioria das indústrias de médio e grande porte tem na política social uma razão importante para a melhoria do desempenho ambiental da empresa. Destacam-se, ainda, a busca de redução de custos e a preocupação com a imagem da empresa como fatores também importantes na motivação para as práticas ambientais.

Adicionalmente, Lavorato (2003) realizou uma pesquisa com 286 empresas, com o objetivo de conhecer o grau de amadurecimento e o nível de interesse pelo tema gestão sócioambiental e encontrou que 89% das empresas manifestaram interesse na prática do *benchmarking* ambiental. A autora, entretanto, não menciona os portes das empresas pesquisadas.

Segundo Rosen (2001), há basicamente três razões para que as empresas busquem melhorar o seu desempenho ambiental: primeiro, o regime regulatório internacional está mudando em direção a exigências crescentes em relação à proteção ambiental; segundo, o mercado está mudando (tanto de fatores quanto de produtos); e terceiro, o conhecimento está mudando, com crescentes descobertas e publicidade sobre as causas e consequências dos danos ambientais. Assim, a gestão ambiental empresarial é atualmente condicionada a pressão das regulamentações, à busca de melhor reputação, à pressão de acionistas, investidores e bancos para que as empresas reduzam o seu risco ambiental, à pressão de consumidores e pela própria concorrência.

Todavia, Kleba (2003) analisando a adesão voluntária e o comportamento ambiental de empresas transnacionais do setor químico, concluiu que o engajamento das empresas não



pode ser alcançado nem pela legislação, nem por pressões sociais, nem mesmo pelas auditorias da matriz individualmente, mas por uma atuação conjunta desta tríade.

Esses fatores não parecem condicionantes de uma gestão ambiental eficiente nas micro e pequenas empresas, de acordo com nossos resultados. Souza (2002) argumenta que a evolução das práticas ambientais ocorre em cada empresa e em cada indústria diferentemente e, segundo Figueiredo (2004), existe ainda uma carência em se identificarem as necessidades das pequenas e micro empresas.

A mesma autora, analisando dez micro e pequenas empresas em Aracaju, encontrou que a indiferença, a interpretação limitada, a falta de incentivos, a estrutura organizacional inadequada, a experiência limitada, o desconhecimento dos custos ambientais, a falta de linhas de financiamento, o foco insuficiente e o desenvolvimento insuficiente da política ambiental foram as principais dificuldades na implementação da produção mais limpa.

O caráter de cumprimento compulsório e correspondente ao atendimento da legislação aplicável e vigente, definido para as empresas como um patamar mínimo de desempenho ambiental, não parece cumprido pelas empresas de menor porte (Amaral & Barroso, 2002).

Nós sugerimos que os principais inibidores da introdução da variável ambiental na gestão de micro e pequenas empresas são a falta de recursos financeiros e de inovação tecnológica. Alvim (1998) apresenta apenas 6% das micro e 14% das pequenas empresas investindo mais de 5% do seu faturamento em inovação, atividade vital para a manutenção da competitividade e obtenção de melhor desempenho.

Nesse sentido, a prática do *benchmarking* aparece como uma boa solução para divulgação de boas práticas ambientais. Na tabela 1 apresentamos alguns resultados encontrados pela introdução da gestão ambiental em médias e grandes empresas, e apresentamos sugestões à sua adoção em micro e pequenas empresas.

Tabela 1. Resultados encontrados por empresas que realizam boas práticas ambientais e sugestões às micro e pequenas empresas.

	Principais resultados	Sugestões para a adoção em MPE's
Arranjos Produtivos  Itautec S/A - Grupo Itautec	Diminuição da matéria-prima (papelão); Redução do número de paletes de madeira; Ganho no armazenamento de produtos; Redução dos custos da embalagem e do calço; Redução da quantidade de carretas Redução da conta frete (transporte); Redução no consumo de combustível; Redução da	Aprimoramento de uma visão abrangente dos envolvidos com relação à importância de avaliar processos sob a ótica ambiental.



	emissão de CO <sub>2</sub> .	
Educação; Informação e Comunicação Socioambiental  BASF	O Programa Sementes do Amanhã conta com processo permanente de capacitação de cerca de 500 educadores, que ministram aula para cerca de 6.200 estudantes de 1ª à 4ª série da rede municipal. As atividades das salas de aula são complementadas com visita à mata ciliar do Rio Paraíba do Sul, constituída de cerca de 128 hectares de área dentro do Complexo Químico.	Flexibilidade dos envolvidos e o comprometimento da equipe gestora de educação ambiental e da autoridade máxima do município.
Emissões  Banco Bradesco S.A	A Corporação superou a meta estabelecida de redução de 3,5% dos gases de efeito estufa totais emitidos, atingindo 14,2% de redução.	Orientação das normas ISO 14064 para quantificar emissões. Definição de ações específicas.
Energia  V & M Florestal Ltda.	Em substituição ao carvão mineral (coque), o carvão vegetal foi uma saída encontrada para manter um desenvolvimento sustentável, respondendo, ao mesmo tempo, à demanda energética da atividade siderúrgica.	Gestão ambientalmente direcionada com ações destinadas ao todo.
Ferramentas e Políticas de Gestão  Avon Cosméticos Ltda	Redução de 8.2%, do total de quilometragem rodada no final do projeto. Redução de 1.7% das despesas com custo de Frete	Suporte de software e equipe técnica para o desenvolvimento do projeto. Dimensões: Econômica, Social e Ambiental. Recursos necessários para elaboração.
Manejo e Reflorestamento  Orsa Floresta	Criação de cultura de manejo florestal sustentável em detrimento de uma cultura de desmatamento tradicional; demonstração da possibilidade do uso múltiplo da floresta, certificação FSC; geração de projetos de desenvolvimento local sustentável.	Envolvimento participativo da comunidade no projeto; parcerias com órgãos governamentais, institutos de pesquisas e universidades; acompanhamento permanente do processo.
Política de Desenvolvimento de Novos Produtos  Duratex SA	Da segunda metade da década de 70 até o presente, foram realizados 67 projetos com a Produção de 80 publicações, envolvendo 23 pesquisadores na coordenação dos projetos, além de técnicos e colaboradores da empresa. Isto possibilitou registrar nas áreas de conservação da empresa: 346 espécies de aves, 60 de mamíferos, 43 de anfíbios, 12 de répteis e 165 espécies de árvores nativas.	Transparência na gestão. Parceria entre instituições públicas e privadas. Realização de estudos de biodiversidade.
Proteção e Conservação	Criação de ambientes artificiais para aumento da biomassa, uso	Parceria entre instituições públicas e privadas.



ArcelorMittal Tubarão	econômico sustentável da biodiversidade local para pesca artesanal de mariscos e peixes, turismo náutico e subaquático, além da preservação da área.	Medidas técnicas capazes de, a curto e médio prazos, modificar positivamente as condições.
Recursos Hídricos e Efluentes  ALUMAR - Consórcio de Alumínio do Maranhão	O consumo médio de água caiu 51%. Além disso, houve o direcionamento da descarga de um dos lagos para um lago de armazenamento de água pluvial, evitando o lançamento de efluentes no meio ambiente.	Equipe constituída por membros de diferentes áreas do processo. Apoio da liderança da fábrica. Campanhas de conscientização do uso racional da água. Revisões das metas anuais.
Resíduos  Banco Nossa Caixa	25.627 cartuchos de impressão doados à APAE/SP revertidos em R\$ 77.281,00.	Adoção do <i>triple bottom line</i> (sustentabilidade) nas ações corporativas.

Observa-se que algumas ações necessitam de investimentos maiores, todavia outras são decisões políticas internas e de postura competitiva.

Finalmente, é necessário que as micro e pequenas empresas despertem para a gestão, pois as práticas ambientais corporativas têm-se tornado menos apenas uma questão ambiental e mais uma questão de estratégia competitiva, marketing, finanças, relações humanas, eficiência operacional e desenvolvimento de produtos (Souza, 2002).

Salienta-se que as empresas podem desenvolver ações ambientais, mas ainda não foram reconhecidas por isso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M.C.S.; Filho, J.C.L.S.; Oliveira, B.C. & Júnior, F.L.H. 2008. Perfis estratégicos de conduta social e ambiental: estudos na indústria têxtil nordestina. **Gestão & Produção** 15(1): 159-172.
- Abreu, M.C.S.; Rados, G.J.V. & Junior, H.S.F. 2004. As pressões ambientais da estrutura da indústria. **Revista RAE-eletrônica** 3 (2) Art. 17.
- Alvin, P.C.R.C. 1998. O papel da informação no processo de capacitação tecnológica das micro e pequenas empresas. **Ciência da Informação** 27(1): 28-35.
- Amaral, J.A.G & Barros, A.M.A. 2002. Políticas ambientais nas empresas brasileiras: análise de conteúdo. **REM** 55(3): 223-227.
- CNI/BNDES/SEBRAE Confederação Nacional da Indústria/Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequena





- Empresas. 1998. **Pesquisa gestão ambiental na indústria brasileira**. BNDES, Rio de Janeiro, CNI/BNDES, Brasília.
- Figueiredo, V.F. 2004. Produção mais limpa nas pequenas e micro empresas: elementos inibidores. **Enegep**: 5187-5192.
- Kleba, J. 2003. Adesão voluntária e Comportamento Ambiental de Empresas Transnacionais do Setor Químico no Brasil. **Ambiente & Sociedade** **6(2)**: 25-45.
- Lavorato, M.L.A. 2003. As vantagens do Benchmarking ambiental. **Revista Produção** **4(2)**.
- Neder, R. T. 1992. Há política ambiental para a indústria brasileira. **Revista de Administração de Empresas** **32(2)**: 6-13.
- Rosen, C. M. 2001. Environmental strategy and competitive advantage: an introduction. *California Management Review* 43.
- SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa.Nacional. 2002. **Boletim estatístico das MPE**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/estudos-e-pesquisas/boletim-estatistico-das-mpe>. Acesso em 13 de fevereiro de 2010.
- Souza, R.S. 2002. Evolução e condicionantes da gestão ambiental nas empresas. **REAd** **30 (8)** 6: 1-22.
- Toms, S. 2001. **Eco- logical**. FMAI, London.
- <http://www.benchmarkingbrasil.com.br/index.php?pag=bbpg> Acesso em 19 de março de 2010

